

Para muitos autores como Richard Hollis (2000), quando ocorre a transição da composição gráfica por partes separadas e isoladas para a criação única do artista de texto e ilustração, houve então o início do *design* gráfico. Segundo Hollis, quando os artistas, em vez de adicionarem texto com tipo gráfico, passaram a desenhar as letras eles mesmos, e quando se tornaram responsáveis por todo elemento do design, estavam praticando o que depois veio a ser conhecido por *graphic design*.

1.2. Alfabeto Latino

É por volta do ano de 700 a.C. que o alfabeto latino aparece. Derivado diretamente do grego arcaico (que possuía 27 letras), ainda era lido como os hieróglifos egípcios, em *boustrofedon* (em ziguezague).

No ano 1000 a.C., os romanos possuíam quatro escritas em uso corrente. A Capitalis Romana era uma letra de caráter monumental, com grande spacejamento entre letras e era utilizada na arquitetura. Seu desenho simples, minimalista, respondia ao desenho arquitetônico utilizado em Roma. Só existia em versão caixa alta (maiúsculas) e é a letra considerada padrão no mundo latino, uma vez que seu desenho foi repetidas vezes copiado no transcorrer dos séculos para se chegar ao que muitos consideram como paradigma do desenho tipográfico. A letra Quadrata era imponente e sua utilização ficava restrita a livros, documentos públicos e importantes, situações de grande formalidade. Seu desenho demandava tempo e muito trabalho e não se fazia uso de espaço entre palavras. A barra transversal da letra A não aparece e também não existia na versão caixa baixa (minúscula). A letra Rústica Romana era de uso mais informal e, apesar de não existir caixa baixa, já aparecem letras com ascendentes e descendentes (hastes da letra que ultrapassam as linhas ou pautas imaginárias como a

parte superior do “b” e inferior do “q”). A Rústica Romana era confeccionada com pincel e nos foi deixada de legado nas paredes da cidade de Pompéia. A última letra é a Cursiva Romana de utilização cotidiana com pena de ponta fina. Ao contrário das outras letras em uso, era predominantemente escrita em caixa baixa e tinha grande variação por se tratar de caligrafia.

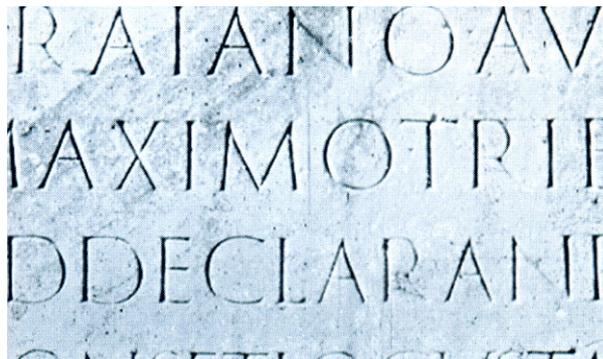


Fig. 18. Capitalis Romana

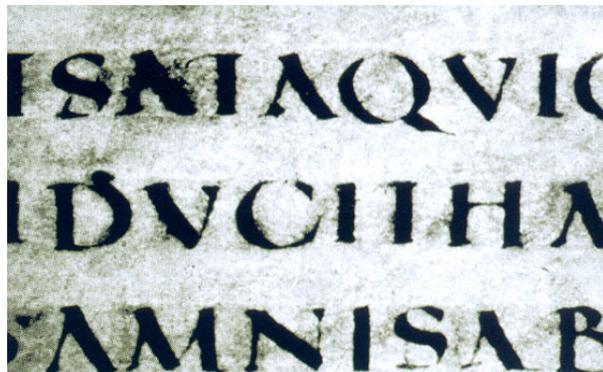


Fig. 19. Quadrata.

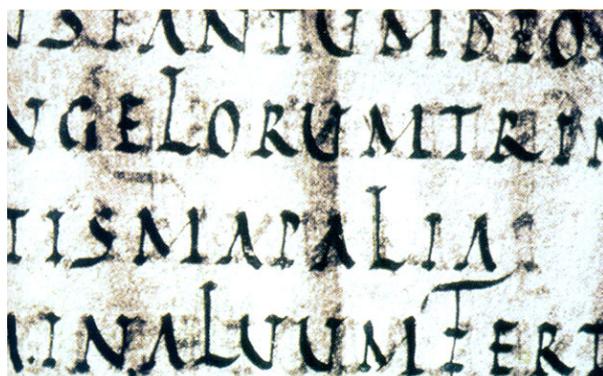


Fig. 20. Rústica romana.

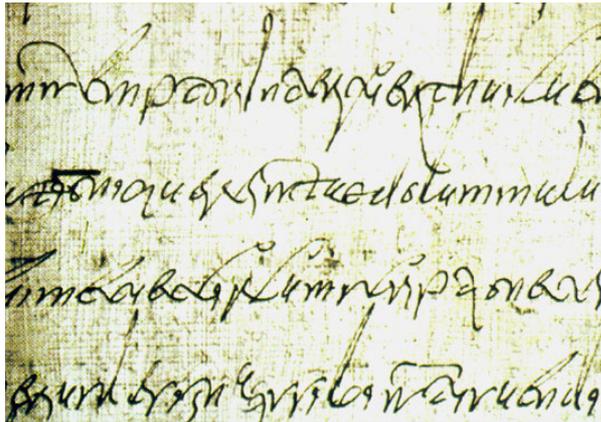


Fig. 21. Cursiva Romana.

É a partir de 500 d.C. que surge a Uncial, letra surgida provavelmente no norte da Europa. Arredondada, ela une preocupações estéticas com legibilidade e era predominantemente em caixa baixa

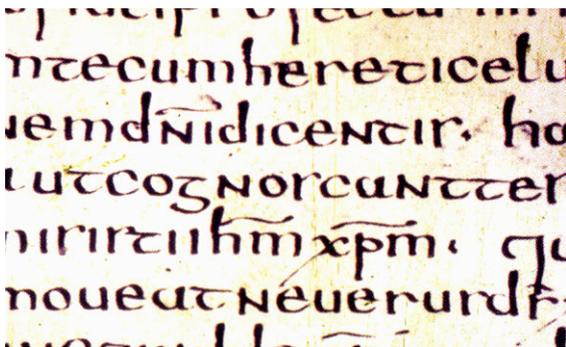


Fig. 22. Uncial.

No século VIII, aparecem as letras minúsculas como variação de uma versão em caixa alta e não como letra independente. Foi no reinado de Carlos Magno que, na reforma por ele encabeçada visando aumentar o número de alfabetizados e leitores, encomendou ao escriba Alcuino, o bispo de York, uma letra altamente legível e esteticamente atraente. A uncial se tornou assim a letra oficial de todos os textos e documentos do reinado de Carlos Magno.

Para a confecção de livros, foi desenvolvida então a minúscula carolíngia. Uma letra criada por calígrafos durante muitos anos visando beleza, altivez e rápida

leitura fruto de muita pesquisa de mancha gráfica, leiturabilidade e esquema modular que possibilitava sua reprodução manual caligrafada com um mínimo de controle de desenho. Essa letra só começa a deixar de ser utilizada quando, na Idade Média, a igreja católica, desejosa de produzir livros religiosos portáteis para difundir sua fé, percebeu a necessidade de se utilizar uma letra mais verticalizada para reduzir o número de páginas. Assim se chegou ao desenho gótico originalmente desenvolvido na França.

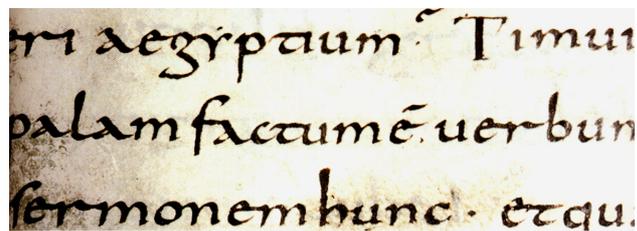


Fig. 23. Minúscula Carolíngia

Na Renascença, com a mudança da percepção do homem de seu papel no mundo, surgiram os primeiros sinais de alteração sensível da então amplamente difundida letra gótica. Letras mais arredondadas, leves e legíveis passaram a ser utilizadas.

Com a prensa de tipos móveis, emerge a necessidade de uma letra que melhor correspondesse à utilização de tipos em metal e assim surge o primeiro alfabeto romano completo em 1460, desenhado por Nicholas Jenson. Conhecidas como Venezianas, essas letras inspiradas nas romanas, acabaram por influenciar toda uma geração de tipógrafos.

Beniuolentiam autem a perfonis ducimus: aut a caufis accipimus
perfonarum non est: ut pleriq; crediderint: triplex ratio: ex litigato
aduerfario: & iudice. Nam exordium duci nonnunq̄ etiā ab aēto
fæ fol&: q̄q̄ enim pauciora de fe ipfo dicit: & parcius: plurimū tan
oīa momenti est in hoc pofitū: fī uir bonus creditur: fic enī contir
ut nō ftudium aduocati uideatur afferre: fed pene teftis fidem. Q
in primis exiftimetur ueniffe ad agendum ductus officio uel cogn

Fig. 24. Veneziana de N. Jenson.

Apenas no século XIX, surgem as letras sem serifa (hastes que finalizam ou arrematam o desenho).



A B C D E F G H I J K L
M N O P Q R S T U V W

Fig. 25. Fonte serifada.



A B C D E F G H I J K L M
N O P Q R S T U V W X Y

Fig. 26. Fonte sem serifa.

Com o desenvolvimento de diferentes máquinas de impressão e a revolução industrial, as letras passaram por um processo de libertação da forma. A concorrência, competição dos novos produtos lançados no mercado no grande *boom* mercadológico e a contratação de pintores e desenhistas para confecção de peças publicitárias, como cartazes e embalagens, trouxe uma nova forma de se desenhar letras e de se diagramar.

Surge, então, a letra ornamental ou o caractere ornamental (em tipografia) e glifo no que tange ao desenho de letras.



Se é letra,
é legível

Fig. 27. Fonte Edit Bold de Margo Chase (distribuidora: T-26)